

Um levantamento da França (A survey of France)

A arte do Impossível

A França, conhecida até então como um modelo de potência maior, estável e rica, parece ser balançada pela instabilidade econômica e política e pela desordem e inquietude civil. A década de 1970 foi a década da dúvida britânica, não muito diferente do que a primeira década do século XXI está sendo pra França. Naquela época a Grã-Bretanha estava desconfortável com o seu papel no mundo. Agora é a vez da França. O país foi tomado pela crença em seu próprio declínio e está se vendo como uma vítima da globalização, vendo mercados como ameaças e lucros como suspeitos.

Nos últimos 18 meses (abr. de 2004 a out. de 2006) a França teve de lidar com uma série de levantes sociais, primeiro seus eleitores rejeitando a constituição européia, culminando nas revoltas de 300 subúrbios desprovidos que forçou o governo a declarar estado de emergência. Alguns historiadores sugerem que esses eventos são sintomas de uma disfunção do sistema democrático, em que a rua é um teatro mais eficiente para o protesto que o parlamento. De qualquer forma o recado para as principais lideranças políticas foi direto: estamos cansados das suas promessas vazias. De fato, há três razões para isso: *a.* a economia francesa perdeu chão e a perda do poder de compra é uma das principais preocupações dos franceses; *b.* a economia francesa pesadamente planejada chegou ao seu limite já que depende de um estado eficaz; e *c.* ao longo dos anos a versão francesa de estado têm sido baseada em burocratas demais, impostos demais e regras demais em organizações demais que se sobrepõem umas às outras (um em

cada quatro franceses é funcionário público!).

Nesse sistema hierárquico as pessoas acabam esperando que as soluções venham sempre de cima para baixo. Alain Peyrefitte predisse há trinta anos que a mentalidade burocrática dos franceses acabaria com a sua criatividade e inovação e geraria resistências às mudanças.

Dentro e Fora

As empresas francesas preferem investir em máquinas que em gente. Isso porque as contribuições para a seguridade social são altas, a semana de trabalho é curta (35 horas), o código de trabalho é restritivo. Ter um empregado na França é um risco e os empregadores evitam ao máximo contratar. Essa é a principal razão pela qual o desemprego na França está estagnado em 8-10% da força de trabalho e pela qual os empregadores franceses evitam ao máximo criar postos de trabalho permanentes. Isso produziu um mercado de trabalho dividido entre poucos que têm empregos protegidos e empregos inseguros e desemprego pro resto.

Como não há número suficiente de pessoas trabalhando, nem trabalho suficiente, o resultado é uma taxa de crescimento do PIB abaixo da média de outros países desenvolvidos.

Outro fator que agrava especialmente as coisas é o peso excessivo do setor público francês. O déficit público francês é da ordem de 1,1 trilhões de euros, ou 66% do PIB francês. Este patamar é cinco vezes maior que em 1980 e isso não inclui as dívidas da previdência do serviço público francês.

Para sustentar o serviço dessa dívida, o estado sujeita os cidadãos a impostos e mudanças a todo momento. Embora o imposto de renda seja relativamente moderado, especialmente para famílias, outros impostos são pesados. Um empregador que pague o dobro do salário mínimo, ou seja, 2.400,00 euros por mês, tem de separar quase a metade disso para contribuições de seguridade social para o estado; enquanto o empregado, de sua parte, tem de dar 22% do seu pagamento para as contribuições de seguridade

social, fora o imposto de renda. Se essa carga tributária fosse investida em investimentos de longo prazo, seria mais palatável, mas a maior parte dessa arrecadação é usada em despesas correntes e não em pesquisa e desenvolvimento.

Lições do Campus

O sistema universitário francês guarda muitos dos problemas do seu modelo supercentralizador e burocrático. O país tem 82 universidades, mantendo 1,5 milhões de estudantes, o dobro de 25 anos atrás. Todas as universidades são públicas e todos os professores e pesquisadores são funcionários públicos. Todas as universidades são impedidas de selecionar seus estudantes. Matrículas anuais são menores que 200 euros e as mensalidades são pagas pelo estado. Os membros da elite francesa fazem de tudo para mandar seus filhos para as *grandes écoles* - de negócios, engenharia e administração pública que estão disponíveis apenas para 4% da população de estudantes.

A cada ano, a evasão escolar é de 46% dos inscritos a cada ano. Isso não parece ser uma preocupação para os dirigentes universitários, mas é certamente para os estudantes. Uma geração atrás, a maior parte dos graduandos teria ido para uma profissão segura no serviço público, em geral ensinando as matérias que estudaram na universidade. Agora, os estudantes se preocupam com o *déclassement*, ou seja, eles têm de aceitar empregos abaixo do seu nível de escolaridade e acham que não recebem apoio suficiente da universidade e dos professores. Ao mesmo tempo, os professores estão sobrecarregados porque são mal-pagos e se sentem tratados como cidadãos de segunda classe.

Para evitar as restrições de contratação (toda contratação é feita de forma centralizada pelo estado), algumas universidades como a Toulouse I, fazem uso do processo de transferência, buscando bons professores empregados em outros centros universitários. Mas, a luta por se manter competitivo internacionalmente e de circundar o sistema requer esforços heróicos, uma grande perda de tempo e de energia.

As três palavras a fazerem diferença para as universidades francesas são: autonomia, competição e seleção. Se centros de excelência serão criados, isso depende de terem maior liberdade para, por exemplo, recrutarem seus funcionários, para estabelecerem corpos de pesquisa e aumentar as taxas de matrículas. Mas, também para isso, as universidades devem estar menos sujeitas aos sindicatos e se tornarem mais eficazes administrativamente.

Se a França não abraçar a idéia de competição, o credo do igualitarismo vai baixar a qualidade do ensino para todos. O país use o processo de seleção para as suas *grandes écoles* - École Supérieure des Sciences Économiques et Commerciales (ESSEC) e Haute École de Commerce (HEC; ambas de negócios), Polytechnique e École des Mines (ambas de engenharia), École Nationale d'Administration (ENA; de administração pública), École des Sciences Politiques (Sciences-Po; ciências políticas). O processo seletivo é tão duro que dois anos de preparação para as provas são necessários. Ao mesmo tempo são essas grandes escolas que preparam os grandes nomes que assumem cargos importantes em Londres e Nova Iorque e seus alunos continuam a ter poder na França. Sete dos doze últimos primeiros-ministros e dois dos últimos três presidentes da França estudaram na ENA.

Reformando o irreformável

Muitas regras burocráticas de cima para baixo geram desconfiança entre as pessoas e criam um sistema que evolui apenas através de crises. O que parece tornar as reformas especialmente difíceis é a hostilidade francesa ao mercado, enquanto aceitá-lo é pré-condição para muitas reformas. Ao mesmo tempo, as empresas francesas multinacionais são tão globais quanto quaisquer outras, entrando em mercados como China e Índia e auferindo muitos lucros. Essas firmas fazem cerca de 80% dos seus lucros fora do país.

De fato, a França está dividida em duas: entre aqueles que estão na iniciativa privada que há muito se adaptaram ao mercado em suas vidas profissionais e aqueles que estão no setor público que

aceitam a globalização como consumidores em seu tempo livre, mas não quando estão despachando em seus gabinetes.

Mas, o que aconteceu com os ex-funcionários públicos de empresas que foram privatizadas? Tiveram de se adaptar, transformando atitudes e práticas. Se isso é possível, sugere que o problema está nas instituições e na forma como a mudança é administrada. A não ser que a França consiga introduzir essas reformas, a sua economia continuará a lutar para se recuperar e qualquer crescimento será acompanhado de desemprego. Falha não só representará falta de prosperidade, também vai solapar a habilidade do país de enfrentar um de seus maiores desafios sociais: a integração de suas minorias étnicas e religiosas.

Relatório sobre minorias

Clichy-sous-Bois é um subúrbio de Paris. Foi lá que em 2005 levantes urbanos ocorreram, denunciando a divisão interna da França. Um em cada cinco dos 28.300 moradores é desempregado. Em algumas famílias, o número chega a 50%! Ao longo dos anos a pequena comunidade se tornou o lar de uma mistura enorme de cores, crenças e línguas. Ali a desconexão com a capital é sentida de forma dura.

A França tem a maior população islâmica da Europa, ou seja, estimados 5 milhões de habitantes ou 8% da população, o que faz com que estejam sob escrutínio especial, apesar de a inteligência doméstica ter indicado que os distúrbios urbanos nada tinham a ver com a questão islâmica. A integração de minorias na França se torna especialmente difícil por conta do desemprego. Um experimento da Universidade Paris I mostrou que usando Currículos *Vitae* idênticos, aqueles que tinham nomes que pareciam de franceses brancos produziram cinco vezes mais resposta que nomes que pareciam ser de negros ou árabes.

A doutrina de integração francesa firmemente rejeita o reconhecimento oficial de comunidades separadas, já que a França tem um senso de identidade nacional bem estabelecido. Ao mesmo tempo, as comunidades de periferia parecem claramente à parte

da sociedade francesa. O desafio da França é por confiança suficiente nas forças do seu sistema republicano para lidar com essas diferenças, solucionando a sensação de estar à parte principalmente por meio de mais empregos.

Além-mar

Os franceses parecem mais felizes de mandar homens para a mesa de negociações que para a linha de frente. Se a França quiser manter a sua influência global, ela precisa resolver duas questões fundamentais nas suas relações exteriores: seus laços transatlânticos (com os EUA) e sua posição na Europa.

Por um lado, para os EUA, a França ainda não se recuperou de ter saído do Iraque em 2003 e da ameaça do veto à força militar das Nações Unidas. Ao mesmo tempo, a rejeição da constituição francesa colocou a França em uma situação delicada na Europa, visto que o país é um dos principais patrocinadores da União Européia. Alguns preferem manter a posição de independência neo-gaulista como Chirac e os socialistas; outros, como o candidato à Sarkozy defendem uma solução Atlântica de alinhamento com os EUA.

De qualquer forma, uma coisa é certa: a França precisa encontrar uma forma melhor de lidar com suas divergências com os EUA. Para isso, o país precisará construir cuidadosamente um curso entre reconstruir a confiança para fortalecer a sua influência e manter sua habilidade em defender seus pontos de vista.

Onde há uma vontade

As eleições presidenciais francesas se aproximam. Nicolas Sarkozy, o principal concorrente, conseguiu, de alguma forma, convencer a opinião pública de que é alguém novo, capaz de romper com o passado Chirac-gaulista do governo que integra. Ao desafiar constantemente o presidente (Chirac) e tomar controle do partido fundado por ele, Sarkozy se distanciou do governo ao qual serve, mas se aproximou do eleitorado francês.

Dessa vez, as eleições presidenciais francesas importam mais que

das outras. Segundo consenso entre os franceses, essa é uma das últimas oportunidades de a França implementar reformas de forma pacífica. Com o retorno da confiança, as eleições parlamentares que se seguem às presidenciais devem produzir uma maioria favorável ao novo presidente.

A principal concorrente de Sarkozy é a socialista Ségolène Royal. Mas, ambos pertencem a uma era pós-ideológica em que emprestam idéias do campo adversário e resistindo a limitações doutrinárias. Além disso, ambos persuadiram os eleitores de que são novas opções, apesar de estarem na vida política há décadas. De qualquer forma, até que ponto um ou outro poderá manter as promessas de campanha ao enfrentarem os desafios da condução de um governo? Quanto tempo poderão resistir a greves e a distúrbios nas ruas? Essas questões serão respondidas a partir de 2007. Esperamos que a França consiga implementar suas reformas da mesma forma que Margareth Thatcher fez na Grã-Bretanha no início da década de 1980.

Comparações com o Brasil

O interessante do artigo acima é que se substituíssemos o nome da França pelo do Brasil, a maior parte das afirmações ainda seria válida. Se, por um lado, isso dá alento ao pensarmos que um país tão mais desenvolvido e com uma tradição de potência como a França enfrenta problemas parecidos com os nossos; por outro, podemos buscar aí algumas idéias para as dificuldades brasileiras. A aplicabilidade de uma solução que tenha validade em um país, nunca é direta em outro. Entretanto, ainda assim, podemos aprender um pouco com as dificuldades francesas, evitando que o mesmo ocorra por aqui.

Referência:

A survey of France; The Economics, 28 out. 2006.